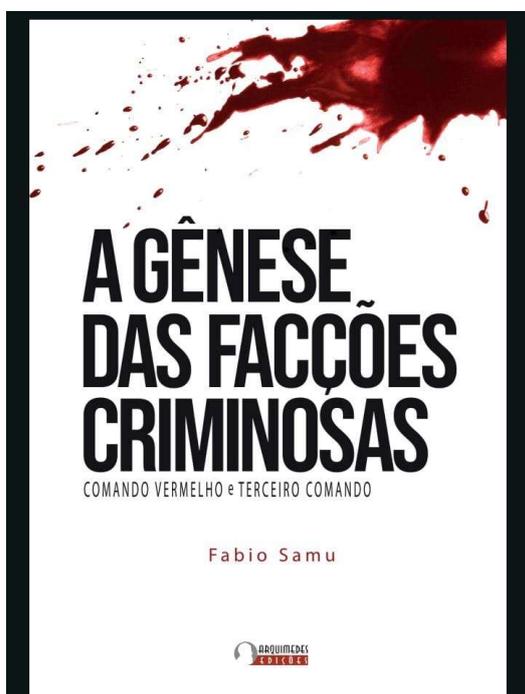


A semiótica do crime em uma sociedade exaurida

SAMU, Fábio. *A gênese das facções criminosas: Comando Vermelho e Terceiro Comando*. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2024, 314p.

RENATO NUNES BITTENCOURT*



A relação entre governança, segurança pública e administração da violência é um ponto capital para qualquer estabilização social. É essa a ideia crucial de *A Gênese das Facções Criminosas*. Fábio Samu é um pesquisador que jamais dissociou a intensidade da formação acadêmica da práxis da vida. Temperado na aspereza da realidade cruel de um mundo

desencantado, Samu, seu codinome amplamente conhecido nos circuitos dos estudos sobre segurança pública e violência da sociabilidade urbana, traz para o debate um grande problema de nossa estrutura civilizacional: a relação entre crime, violência e sistema prisional. Eis a importância imediata de *A gênese das facções criminosas* para nosso mundo acadêmico, que não pode permanecer estreitado por seus limites epistêmicos e formalismos institucionais, alheios aos caracteres ardentes do mundo da vida.

Samu, desde os seus tempos de formação acadêmica no IFCS-UFRJ, terreno fértil para a criatividade em um cenário espacial extremamente movimentado e prenhe de estímulos sensoriais. Samu é um pensador que nunca se deixou limitar pelas pretensões de uma vida acadêmica regrada. Sempre fez da utopia de um mundo mais humano o norteio para a sua atuação. Colocou sua felicidade pessoal em segundo plano em nome de um ideal: o resgate humano em uma sociedade administrada-tecnocrática que se baseia no cálculo egoísta para gerenciar a rentabilidade das suas ações estratégicas.



* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor do Curso de Administração da FACC-UFRJ.

Todavia, a urgência da vida não pode ser mensurada por fluxogramas, planilhas e decisões monocráticas de um engravato sentado em um gabinete asséptico alheio aos problemas e contingências do mundo real.

Certamente uma das sementes para o presente trabalho de Fabio Samu da Cunha se encontra no **Projeto JURISDRAMA: Gestão em Segurança Pública e Ação Social para a Cidadania**, do qual o presente livro é grande devedor, mas que as vicissitudes de uma sociedade lesada e de uma burocracia institucional autocentrada insistem em boicotar. A extensão universitária, em sua essência, deve estabelecer conexões com as demandas da esfera pública e promover as bases para a transformação social, sem necessariamente legitimar a dinâmica do mercado. Afinal, é muito fácil estabelecer um trabalho endógeno para dar suporte aos empreendimentos sustentáveis, é muito fácil orientar alunos para torná-los futuros empresários com uma esquelética visão progressista de mundo. **Quem é capaz de fazer um ato muito mais corajoso: resgatar socialmente um apenado?** Trata-se de um ser humano invisível, desprovido de cidadania, que se torna mais e mais uma mera estatística de uma sociedade que visa conter o avanço da dita marginalidade, mas que ela mesma é a fomentadora desse problema entranhado profundamente na sua carne apodrecida. Com efeito, nossa ordenação social sempre se constituiu pela exclusão violenta sobre o outro, imputado como o inimigo a ser anulado, neutralizado, eliminado, aniquilado, em nome da “família de bem”, da ordem e do progresso da sociedade burguesa. No entanto, essa figura excluída de nosso belo quadro social é fundamental para

que vivamos a ambivalência do normal e do criminal, pois é a referência ideológica para que fiquemos alinhados na dita boa forma de conduta e assim possamos viver sem maiores entraves institucionais. Porém, como a vida não é um sonho, de nada adianta nossa vã pretensão de permanecermos na sensação letárgica de segurança se a sociedade em nosso entorno explode na violência, fruto da exclusão de qualquer direito civil, da pobreza estrutural e da repressão policial pelo fato de que não se nasceu em berço de ouro. Nossos castelos condominiais não nos protegem do colapso civilizacional, e precisamos nos engajar na democratização efetiva de nossa sociedade, e para tanto, urge que conheçamos não apenas as bases violentas de nossa história, como também possamos dar um passo além e trabalhemos para a construção de um futuro mais digno capaz de integrar os corpos separados em nossa sociedade tão atomizada, ainda que aparentemente sorridente. País do Carnaval que mata, País do Carnaval que rouba e manda enforcar.

Celebremos o ato de coragem intelectual de Fabio Samu da Cunha, que lega para nossa comunidade seu longo trabalho de conexão social, documentado no livro *A gênese das facções criminosas*, sem buscar qualquer reconhecimento ou medalha por seus feitos extraordinários. Muitas vezes o trabalho de qualidade é invisível, mas deixa marcas duradouras em nossa sociedade, cada vez mais doente e que necessita de uma longa terapia intensiva para curar os seus males. Precisamos dar o primeiro passo.

Recebido em 2024-10-06
Publicado em 2025-01-01